

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

O Carnaval de BH através do Acervo do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte

Victor Pinheiro Louvisi (Universidade Federal de Minas Gerais)

Rubens Alves Silva (Universidade Federal de Minas Gerais)

The Carnival of BH through the Collection of the Museum of Image and Sound of Belo Horizonte.

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo discute o carnaval de Belo Horizonte – BH, explorando o acervo do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte – MIS-BH. A pesquisa é do tipo qualitativa, de caráter descritivo e documental. Guiamos nossos procedimentos metodológicos articulando perspectivas informacionais e antropológicas, com destaque para o conceito gramsciano de hegemonia. Dessa forma, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema; levantamento do acervo sobre o carnaval de BH do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte; e análise de conteúdo das imagens. O objetivo é demonstrar a importância da preservação desse acervo para a memória do carnaval na cidade de Belo Horizonte. Verifica-se que nos últimos oito anos o carnaval nessa capital passou por grandes transformações, após décadas de pouca ressonância na paisagem cultural da cidade. Porém, ressurgiu com força a partir dos anos 2000 trazendo à tona questionamentos críticos de conteúdo social e político em torno da reivindicação da ocupação de espaços públicos de referência patrimonial de BH. Ao acionar o conceito de hegemonia o que se pretende é evidenciar naquele acervo o que fica às margens ou suprimido como fonte informacional sobre o passado e o presente do carnaval de Belo Horizonte, a partir do pressuposto de que o fato dessa fonte documental pertencer a um museu vinculado à prefeitura da cidade, ele se configura em discurso oficial, que muitas vezes é entendido no contexto local como um discurso “legitimador” sobre a cidade. Essa problematização aponta para o carnaval como um campo de relações políticas e disputas do poder simbólico propício para debates públicos nos quais podemos encontrar vários agentes ou atores sociais. Nesse sentido é que se busca explorar este acervo com o objetivo de compreender as inúmeras implicações ligadas à singularidade performática do carnaval em

Belo Horizonte, como um dos repertórios importantes para a leitura e a reflexão sobre a memória da cidade de Belo Horizonte.

Palavras-Chave: Museu; Acervo; Carnaval; Hegemonia.

Abstract: This paper discusses the carnival of BH exploring the collection of the Museum of Image and Sound of Belo Horizonte. The research is qualitative, descriptive and documentary. We guide our methodological procedures by articulating informational and anthropological perspectives, with emphasis on the Gramscian concept of hegemony. Thus, a bibliographic survey was carried out on the subject; collection of the collection on the carnival of BH of the Museum of Image and Sound of Belo Horizonte; and content analysis of images. The objective is to demonstrate the importance of the preservation of this collection for the memory of carnival in the city of Belo Horizonte. It is verified that in the last eight years the carnival in this capital underwent great transformations, after decades of little resonance in the cultural landscape of the city. However, it has resurfaced strongly since the 2000s bringing to the fore critical questions of social and political content around the claim of the occupation of BH's patrimonial reference points. By activating the concept of hegemony, what is intended is to highlight in that collection what is on the margins or suppressed as an informational source about the past and the present of the carnival of Belo Horizonte, based on the assumption that the fact that this documentary source belongs to a museum linked to the city hall, it is an official discourse, often understood in the local context - and manipulated by the public power - as a "legitimizing" discourse on the city. This problematization points to carnival as a field of political relations and disputes of symbolic power conducive to public debates in which we can find various agents or social actors. In this sense, it is sought to explore the collection, aiming to understand the innumerable implications associated with the carnival singularity in Belo Horizontes as one of the repertoires important for reading and reflection on the strategies of political awareness and information media of critical questioning to the uses and abuses of the hegemony of representatives of the public power.

Keywords: Museum; Collection; Carnival; Hegemony.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é baseado numa pesquisa inicial de doutorado que tem o objetivo de discutir o carnaval de Belo Horizonte (BH) através do acervo do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte (MIS-BH). O que se pretende é discutir a importância da preservação desse acervo para a memória do carnaval e da cidade de Belo Horizonte.

O MIS-BH é uma instituição museológica pertencente a Prefeitura de Belo Horizonte. O seu acervo é formado por filmes, fotografias, objetos tridimensionais, textos, livros e periódicos. Entretanto, o recorte de nossa pesquisa recai sobre os filmes e fotografias do carnaval de BH no período de 1920 a 1998. Os fundos pesquisados foram: Fundo Igino Bonfioli, Fundo Cinejornais, Fundo Rede Globo Minas, Fundo Belotur e Fundo TV Itacolomi.

A pesquisa é do tipo qualitativa, de caráter descritivo e documental. Guiamos nossos procedimentos metodológicos articulando perspectivas informacionais e antropológicas, com

destaque para o conceito gramsciano de hegemonia. Dessa forma, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema; levantamento do acervo sobre o carnaval de BH do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte; e análise de conteúdo das imagens.

O acervo citado, por estar num órgão da Prefeitura, pode ser entendido como discurso oficial e legitimador sobre a cidade de BH, apesar de suas contradições. Suas coleções refletem o contexto de sua época, estando em conformidade com a sociedade que a produziu, no que Bourdieu (1989) denomina de sistema simbólico. Uma coleção pública é um instrumento importante de afirmação de valores de um Estado e da sociedade, fazendo com que os mecanismos de representação visual tornam-se um mecanismo eficaz de legitimação da elite dirigente (NERY, 2015) e de seus discursos hegemônicos.

Dessa forma, entendemos o carnaval como um campo de relações e disputas simbólicas e um campo propício de debates públicos nos quais podemos encontrar vários agentes ou atores sociais: escolas de samba, blocos caricatos, blocos de rua, Prefeitura, população da cidade, turistas, comércio, imprensa, instituições de memória entre outros.

Assim, pretende-se compreender as inúmeras implicações e interpretações ligadas à essas imagens e discutir o caráter hegemônico desses acervos. Como também, as ausências e as contradições do carnaval de Belo Horizonte, numa de suas instituições públicas de memória.

2 O CARNAVAL DE BELO HORIZONTE

Nos últimos oito anos, o carnaval de BHo passou por grandes transformações e após décadas de quase inatividade ele ressurgiu na cidade. Para o historiador e regente de blocos, Guto Borges, houve um “renascimento” (BORGES, 2013), que tem como características a participação política e a ocupação dos espaços urbanos. O caráter político, apesar de não ser o único aspecto, tem sido um de seus pontos mais importantes, como também, a diversidade de blocos. Isso tem ocasionado um aumento no interesse sobre o tema, o que traz à tona uma série de questões, tais como: comercialização do carnaval, aumento do turismo, história do carnaval na cidade entre outros.

Como aponta o historiador Marcos Maia (2016), Belo Horizonte nunca deixou de viver o carnaval. Entretanto, a marginalização da festa está arraigada na história do carnaval belo-horizontino, celebrado antes mesmo da sua inauguração, com os relatos dos populares

entrudos no Curral del-Rei¹, ainda no século XIX. (MAIA, 2016). Borges (2015) aponta que a cidade já teve um carnaval forte, mas que a partir da década de 1980, começou a declinar pela falta de estrutura da Prefeitura. Entretanto, o próprio Borges (2013) assinala que o carnaval de BH nunca parou. “Na verdade, quando se diz “renascimento” do carnaval de rua não é bem verdade. O carnaval aqui nunca morreu”.

É nessa disputa simbólica entre o “nunca teve” e o “nunca morreu” que o carnaval de BH está posicionado. Dependendo do ponto de vista, ele sempre existiu, sustentado por grupos sociais das periferias e que viam os mais abastados abandonarem BH para participarem do carnaval em outras cidades, como Rio de Janeiro, Salvador ou algumas cidades do interior de Minas Gerais. Mas dependendo de outro ponto de vista, ele desapareceu ou quase desapareceu de Belo Horizonte, sendo agora ressignificado. Segundo Marcos Maia (2016), o fortalecimento e refundação do carnaval de blocos de rua em Belo Horizonte se dá, majoritariamente, por setores da classe média. No entanto, o carnaval manteve-se enquanto manifestação popular e disputa de território urbano e simbólico, em alguma medida, resistentemente nas escolas de samba e blocos caricatos.

É nesse contexto que uma geração de belo-horizontinos cresceu acreditando que nunca teve carnaval na cidade e que muitas vezes despreza o histórico dessa manifestação. Por ter participado dessa renovação, essa geração acredita fielmente ter “inventado” o carnaval em Belo Horizonte. Podemos entender que o carnaval como manifestação popular se transforma e muda com o tempo. A maneira como as pessoas se relacionam com essa manifestação tende a ser ressignificada, pois a sociedade também se modifica.

Dessa forma, os acervos existentes nas instituições de memória podem ter uma grande importância para essa discussão. E onde estariam esses acervos? Eles estão nos museus, arquivos, bibliotecas e demais instituições culturais e de memória da cidade, como também, nos acervos pessoais daqueles que participaram e participam do carnaval em Belo Horizonte e nas suas histórias e lembranças. Está na memória dos integrantes da velha guarda do samba de BH, dos sambistas, dos foliões, das pessoas que participam das agremiações, está no imaginário dos belo-horizontinos com mais idade e no próprio imaginário da cidade. Para nós, esse ponto é extremamente importante, discutir como os acervos sobre o carnaval podem contribuir para desmitificar a ideia de que essa manifestação popular é recente na cidade.

1 Curral del Rei foi o arraial, que era freguesia da Comarca de Sabará, onde hoje está localizada a cidade de Belo Horizonte. Este local foi escolhido para ser a nova Capital do Estado, em substituição a Ouro Preto.

Entretanto, entendemos que os acervos que estão nessas instituições refletem o discurso das elites hegemônicas, pois foram formados sem ter um critério de seleção que abarcasse os vários setores da sociedade, sem ter a participação dos grupos que participaram do carnaval de Belo Horizonte ou das camadas mais populares da cidade, tendo apenas a visão da Prefeitura ou de grupos hegemônicos.

O que estas instituições expõem, e em nosso caso, o MIS-BH, está diretamente relacionado com aquilo que foi escolhido para compor suas coleções. Por estar numa instituição governamental, essas coleções ganham um caráter de discurso oficial, sendo, portanto, vistos como “verdade” ou se superpondo a outras histórias. Isso começa já nas disputas para eleger aquilo que deve ser preservado, considerando a amplitude das memórias e dos bens culturais, impactando na maneira como é praticada a formação de acervos.

3 MUSEUS E FORMAÇÃO DE ACERVOS

Nas últimas décadas houve uma reestruturação radical da cultura do museu. Antes visto quase que exclusivamente pelo seu caráter preservacionista, tem agora agregado outras ações em seu escopo de atuação, sendo encarado também como um centro de pesquisa, de cultura, de encontro e de entretenimento.

É neste contexto que surge o museu como espaço de informação e comunicação, que está no centro desta nova orientação, em que a ação comunicacional tem uma função primordial. “Pensar os museus é inseri-los no mundo em que vivemos” (SANTOS; CHAGAS, 2007, p. 12). Entretanto, para que se alcance esse objetivo, o acervo precisa estar de acordo com a proposta e a missão do museu. Nesse sentido, o museu tem sido muito questionado pela maneira como os seus acervos são ou foram adquiridos, pois quase sempre são formados por grupos hegemônicos, sem nenhuma participação popular. O questionamento surge de diferentes grupos sociais que não se veem nas coleções dos museus. Não se identificam, pois quase sempre são excluídos dos processos de composição de coleções museológicas.

O ato de colecionar destaca os modos como os diversos fatos e experiências de uma sociedade são selecionados, reunidos e ressignificados, recebendo um novo arranjo (RANGEL, 2011). Segundo Silva e Oliveira (2011, p. 169), “O fenômeno social do colecionismo nos remete a uma série de circunstâncias históricas dadas por diferentes povos, sua geografia e hábitos culturais”. Abandonar o colecionismo significa um real repensar. Estimulante, mas difícil, na atual sociedade brasileira (BRUNO, 1997).

As narrativas traçadas pelas instituições de memórias são escolhas e fruto das disputas de poder e retratam não só os discursos, mas também os silêncios. O “não-dito” muitas vezes aparece mais do que o que é contado. É através dos objetos representativos das classes hegemônicas que suas memórias ganham destaque mais do que os das classes populares. Quando destacamos determinados fatos esquecemos outros e a forma mais convencional de transmiti-los é através de narrativas. Elas são feitas através de lembranças e esquecimentos. O não-dito tem um papel fundamental nessa articulação, que muitas vezes, é propositalmente elaborado para produzir discursos dominantes.

Para quebrar essa lógica, estas instituições teriam que estar dispostas ao diálogo e abrirem suas portas para outras narrativas. Dar espaço para as diferentes vozes da sociedade contemporânea é um desafio que se apresenta para elas. Infelizmente, ainda perdura, em algumas instituições, um ideal de público, esse quase sempre é visto como um público elitizado. Entretanto, cada vez mais, o público tem sido diverso, em busca de informação. Muitas vezes, esses ideais de público partem da própria equipe, sendo necessária uma mudança de perspectiva dos próprios profissionais para entender a diversidade atual de público dos museus.

A relação que as pessoas têm com os espaços culturais é fruto da própria dinâmica social, sendo que a prática de visitá-los não pode ser entendida como algo natural, e sim como o resultado de um processo cultural e social. O indivíduo através do meio em que vive vai ao museu por incentivo da família, da escola ou por alguma outra associação ou instituição, ou até mesmo, por incentivo da mídia.

Ao se abrirem ao debate com os diferentes grupos sociais marginalizados e ausentes de suas narrativas, as instituições de memória têm a possibilidade de refletir e repensar as suas ações e atividades, o que poderia ser uma forma de confrontar narrativas e estereótipos. As narrativas e as histórias são construções sociais. Narrar o passado é reinventá-lo, é colocá-lo sob o filtro interpretativo de seu narrador, seja ele um livro, um jornal, uma pessoa, uma exposição, uma instituição (ARAUJO, 2017).

Os acervos são a materialização de disputas e estão impregnados de histórias e de contradições. Ainda é comum nos museus, por exemplo, a escolha de objetos pelo “bom gosto” e o “requinte”, representando as classes dominantes e a exclusão de peças das classes populares, muitas vezes consideradas de “mal gosto” e de “pouca qualidade”. Quando define o que vai ser guardado, determina o que vai ficar em evidência e excluindo tantos outros.

Entretanto, entendemos que o acervo é a parte central de um museu. Ele é uma das principais ferramentas de transmissão de informação, sendo os mediadores entre o público e aquilo que se quer contar ou afirmar, exercendo influência direta sobre ele. Estas instituições são portadores de grande parte do patrimônio. Como Dominique Poulot aponta, o patrimônio está relacionado com a assimilação do passado, que é sempre transformação, metamorfose dos vestígios e recriação anacrônica. O autor considera ainda, que a ideia do patrimônio no ocidente virou sumariamente “lugar da pessoa pública, em particular da figura do rei, lugar da história edificante e lugar da identidade cultural” (POULOT, 2009, p.13).

A maneira como os acervos foram formados expressam mais do que simples mecanismos de escolhas, refletem como determinados grupos percebem o que é digno de ser patrimônio, como também, refletem o pensamento de determinado época, sendo modificados com o tempo. Para este fim, patrimônios e museus são “postos de observação” singulares. O que guardamos? O que descartamos? Como hierarquizamos as coisas, as palavras, as pessoas? Que categorias, valores e significados discursivos são eleitos quando se trata de preservar ou exibir uma manifestação cultural ou um período histórico? (ABREU; FILHO, 2012, p. 40).

Dessa forma, entendemos a formação de acervos como um campo de disputas, mas que também pode servir como campo propício de debates públicos. Para que isso possa ocorrer, as coleções precisariam representar os vários setores da sociedade. Como também, criar políticas de aquisição de acervos que condizem com sua proposta de instituição pública e dar voz aos diferentes grupos sociais. As coleções de um museu, por mais contraditório que possa parecer, são polissêmicas por sua própria natureza.

4 O CARÁTER HEGEMÔNICO DOS MUSEUS

Segundo Gramsci (1979), a hegemonia é a capacidade que determinado grupo tem de dirigir outros grupos sociais por meio do consentimento. Ser hegemônico é ter uma posição superior na sociedade, passando a ter uma dominação pela força, pelas instituições do Estado e pelo governo político (LOUREIRO, 2003; ALVES, 2010).

Para Alves (2010), a noção de hegemonia, apesar de ter suas origens em Lênin, é apresentada por Gramsci de uma forma mais elaborada e adequada para pensar as relações sociais, o que é corroborado por Loureiro (2003) e que de acordo com Châtelet et alii (1990), consegue unir inovação às abordagens acerca do econômico e do ideológico-político no pensamento marxista. Segundo Loureiro (2003), o conceito de hegemonia em Gramsci mostra-se um importante instrumento de análise das várias instâncias da sociedade, sendo

criado no centro do pensamento marxista para compreender as diversas instâncias sociais que se apresentavam na sociedade.

Gruppi (1978) vê o conceito de hegemonia como processo no qual amplas parcelas das camadas populares são subordinadas a cultura das classes dominantes. Para Loureiro (2003), a hegemonia atua além do campo econômico e político, mas, sobretudo, na maneira de pensar e sobre a ideologia, como também, nos modos de conhecer. As classes dominantes impõem sua concepção de mundo, permeada pela ideologia, às classes dominadas os seus interesses.

Para Carnoy (1988), corroborado por Loureiro (2003), Gramsci apresenta duas vertentes do conceito de hegemonia. Uma que denota um processo cuja ocorrência se dá na sociedade civil e outra que se passa na classe dominante por meio da sua liderança política, moral e intelectual. Segundo Moraes (2010) o processo de hegemonia inclui, então, disputa pelo monopólio dos órgãos formadores de consenso, como imprensa, partidos políticos, sindicatos, Parlamento entre outros, podemos incluir as instituições de memória, “de modo que uma só força modele a opinião [...]” (GRAMSCI, 2000, p. 265).

De acordo com o conceito gramsciano de hegemonia, a classe dominante não depende única e tão somente do poder do Estado ou de seu próprio poder econômico, mas se utiliza de um conjunto de relações, experiências e atividades para promover, junto às classes subalternas, seu sistema de crenças. (LOUREIRO, 2003, p. 93).

Dessa forma, é importante como pontua Virginia Fontes (2008, p. 145), que haja “uma contra-hegemonia, que pressupõe analisar os modos de convencimento, de formação e de pedagogia, de comunicação e de difusão de visões de mundo, as sociabilidades peculiares [...]” para contrapor o discurso hegemônico e suscitar mudanças.

Conhecer quem fala e o que falam as vozes presentes no seu arquivo e a cidade que é por elas representada historicamente. Por outro lado, conhecer os vazios, as ausências percebidas no seu acervo. Aqueles grupos sociais cujas manifestações culturais, ainda hoje, permanecem ausentes ou pouco acolhidas pela instituição. (FREITAS, 2014, p. 19).

Baseado no que foi abordado nos parágrafos acima, podemos dizer que o museu assume uma posição hegemônica, devido ao seu caráter excludente, sendo questionado por diversos grupos que não se veem em seus acervos. Ser excludente não é uma estratégia das instituições, mas ele apenas é um instrumento do modo de funcionamento dos grupos hegemônicos (CURY, 2007).

De acordo com o conceito gramsciano de hegemonia, a classe dominante não depende única e tão somente do poder do Estado ou de seu próprio

poder econômico, mas se utiliza de um conjunto de relações, experiências e atividades para promover, junto às classes subalternas, seu sistema de crenças. Nesse sentido, o museu público, organizado e dirigido a partir do Estado, constituir-se-ia espaço onde as classes dominantes buscariam persuadir, naturalizar e fazer com que as classes dominadas compartilhassem seus valores morais, sociais e culturais. (LOUREIRO, 2003, p. 93).

Dessa forma, o museu organiza seu acervo em torno de relações sociais, sendo estas permeadas pela cultura da sociedade em que está, “[...] o museu não trabalha com objetos, mas com problemas” (FREIRE, 2011, p. 73). Nisso fica implícito que o museu tem que lidar com questões muito amplas, tanto internas como externas.

5 O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE BELO HORIZONTE E SEU ACERVO DE CARNAVAL

O MIS-BH (figura 1) é uma instituição museológica subordinada a Fundação Municipal de Cultura – FMC e a Secretaria Municipal de Cultura, órgãos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O MIS-BH tem por missão: preservar, mapear e disseminar os registros audiovisuais e seus correlatos, que contemplem a história e a cultura da capital mineira, realizando ações de conservação de acervos, pesquisa, estímulo à leitura, educação para o patrimônio e difusão cultural. (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE BELO HORIZONTE, 2013).

A criação de uma instituição que preservasse a memória audiovisual da cidade remonta aos anos 1980 e foi encabeçada por produtores, cineastas, pesquisadores, estudiosos e artistas. É com a lei Nº 5.553, de 08 de março de 1989, que o poder Executivo fica autorizado a instituir, por decreto, a “Fundação Museu da Imagem e do Som” (FREITAS, 2014; MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE BELO HORIZONTE, 2013). Com esse intuito, é inaugurado em 16 de novembro de 1995, o Centro de Referência Audiovisual – CRAV², base para o futuro Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte.

No final de 2014, com a mudança administrativa ocorrida na Prefeitura de Belo Horizonte, através do decreto Nº 15.775, de 18 de novembro de 2014, o CRAV tornou-se Museu da Imagem e do Som (MIS-BH). (FREITAS, 2014; MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE BELO HORIZONTE, 2013).

Figura 1 – Fachada da Sede do MIS-BH.

2 O CRAV foi pensado, em sua organização, como uma instituição de arquivos audiovisuais, inspirado na organização da Cinemateca Brasileira, já que, a maioria do acervo é de imagens em movimento. Por isso, sua organização em fundos, mesmo com o indicativo de ser no futuro um museu. Com o tempo, também foi sendo criadas coleções na instituição (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE BELO HORIZONTE, 2016). Entretanto, por muito tempo, segundo Freitas (2014), havia na instituição essa confusão entre fundo e coleção.



Fonte: Victor Louvisi.

A pesquisa que realizamos no MIS-BH identificou aproximadamente 130 títulos em seu acervo que retratam cenas do carnaval em Belo Horizonte entre as décadas de 1920/1930 até o ano de 2008. Essas imagens foram encontradas nos seguintes fundos: Iginio Bonfioli, Cinejornais, Rede Globo Minas, Belotur e TV Itacolomi.

O fundo Iginio Bonfioli é formado por imagens realizadas pelo italiano, radicado no Brasil, Iginio Bonfioli, que a partir de 1912, se estabeleceu na capital mineira, registrando imagens diversas da cidade, como a visita dos reis belgas à Minas Gerais entre outras. São as imagens mais antigas do acervo do MIS-BH. Embora a qualidade delas esteja prejudicada pela ação do tempo, é possível ver o carnaval do período que se concentra no centro da cidade de Belo Horizonte. Foi identificado o desfile de carros pelo centro, o chamado curso, e a presença de crianças fantasiadas.

O Fundo Cinejornais, como o próprio nome diz, são formados por cinejornais produzidos pela Prefeitura de Belo Horizonte e o governo do Estado de Minas Gerais. Cinejornal é um filme curto com notícias que era exibido em salas de cinema antes do filme principal. Os cinejornais que estão no MIS-BH são das décadas de 1960, 1970 e 1980 e são de temas diversos, mas quase sempre são registros de realizações do governo e ações de políticos. Os filmes que aparecem o carnaval são da década de 1960 e 1970 e são imagens sobre as realizações da Prefeitura: decoração de carnaval pela cidade, concurso de fantasias, desfile de escolas de samba e blocos caricatos. A festa é retratada de forma organizada, com a presença de crianças e a alegria das pessoas.

O Fundo Globo Minas é composto por imagens realizadas pela Rede Globo de Televisão de Minas Gerais entre os anos de 1968 e 1983. São filmes de material bruto e em formato de películas de 16mm. São os originais e matérias antes da edição e das reportagens finalizadas. Elas têm uma enorme variedade de títulos, sendo bastante diversificadas:

reportagens, entrevistas, erros de gravação entre outros. Dessa forma, elas não passaram pelo crivo dos editores e muitas dessas imagens não foram veiculadas pela emissora. Sobre o carnaval, a festa é retratada de várias formas e diversos pontos da cidade: pessoas nas ruas, bailes, desfiles, entrevistas com integrantes de blocos e escolas de samba.

O Fundo BELOTUR é um fundo formado por imagens produzidas pela Empresa de Turismo de Belo Horizonte (BELOTUR) e elas foram realizadas para divulgar os eventos produzidos pela Prefeitura de Belo Horizonte, como: shows, festas populares, entre outros. Elas são imagens das décadas de 1980 e 1990 em formato de fitas VHS. As imagens sobre o carnaval retratam os desfiles das escolas de samba, blocos caricatos e as apurações dos desfiles.

O fundo TV Itacolomi é composto por imagens fotográficas da emissora de televisão Itacolomi, que existiu em Belo Horizonte de 1955 a 1980. São quase 8 mil cromos de tamanho 6x6 que retratam a programação da emissora, os funcionários, os artistas, os cenários entre outros. Sobre o carnaval, foram encontradas 12 imagens das décadas de 1950 e 1960. Nas imagens foram identificados blocos caricatos, grupos carnavalescos, concurso de fantasia, apresentações musicais e programa de auditório (figura 2) apresentado pelo compositor Rômulo Paes, que também foi radialista e vereador em Belo Horizonte, autor de inúmeras músicas, principalmente marchinhas de carnaval.

Figura 2 – Programa de Carnaval na TV Itacolomi. 1956.



Fonte: MIS-BH. Fundo TV Itacolomi.

Os fundos citados são importantes registros sobre o carnaval e sobre a memória da cidade de Belo Horizonte, pois são imagens de vários períodos, muitas retratam os mesmos pontos da cidade. É possível ver como a festa, e a cidade, se transformaram. São imagens que representam os foliões, as escolas de samba, os blocos de rua, os blocos caricatos, as fantasias, a decoração das ruas, os modos de pular o carnaval, as músicas, os instrumentos utilizados e os modos de tocá-los, entre outros elementos.

Como foi apontado nos parágrafos anteriores a maior parte dessas imagens foram formadas por órgãos de governos e por grupos dominantes, sem ter um critério de seleção que abarcasse os vários setores da sociedade. O povo aparece quase sempre como cenário, sendo o foco principal a decoração e os eventos realizados pela prefeitura, e os políticos. Acreditamos que o carnaval de BH, em vários períodos, foi um carnaval múltiplo, inclusive podemos usar a expressão “carnavais”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito do que ser discutido sobre o carnaval de Belo Horizonte principalmente no que se refere a formação de seu acervo. A falta de representatividade nas coleções dos museus foi analisada a partir dos fundos do MIS-BH relacionados ao carnaval. Como instituição pública, o MIS-BH tem muitos desafios.

Com base num conjunto de acervos audiovisuais é que foi discutido a memória do carnaval e da cidade Belo Horizonte. O caráter hegemônico desses acervos foi abordado pelos vieses informacionais, antropológicos e do conceito de hegemonia de Gramsci. Entendemos o carnaval e o acervo do MIS-BH como um campo disputas simbólicas e de debates públicos. O que se pretendeu foi evidenciar nesses acervos o que fica às margens como fonte de informação sobre o carnaval de Belo Horizonte.

O museu tem o potencial de ser um espaço propício de discussões e encontros. Para tanto, é necessário que as suas coleções tenham maior representatividade, seja no carnaval, nas questões de gênero, nas discussões étnicas entre outras. Sendo assim, é necessário estimular novas formas de dar acesso ao seu acervo, no qual o público não seja visto como um mero visitante, mas sim como um cidadão que participa das ações, decisões e da formação de seus acervo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; FILHO, Manuel Ferreira Lima. A trajetória do grupo de trabalho de patrimônios e museus da associação brasileira de antropologia. In: TAMASO, Izabela; FILHO, Manuel Ferreira Lima (orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural**: trajetórias e conceitos. Brasília: ABA Publicações, 2012.p. 59-74.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti Alves. **O conceito de hegemonia**: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova, São Paulo, 80: 71-96, 2010.
- ALVES, Augusto dos Santos. **O Museu como esfera de comunicação**. Centro de História da Cultura. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa – Portugal.
- ARAUJO, Marcelo. Uma nova realidade: os “não ditos” nos Museus. **Revista Museu**. Disponível em: < <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2017/2791-uma-nova-realidade-os-nao-ditos-nos-museus.html>>. Acesso em: 16 jun. 2018
- BORGES, Guto. **Confundir**: carnavais e revoluções. 01/02/2013. Blog Variável 5. Disponível em: < <https://variavel5.com.br/blog/caps-lock-carnaval/>>. Acesso: 19 ago. 2018.
- BELO HORIZONTE**. Prefeitura Municipal. Lei municipal Nº 5.553, de 08 de março de 1989. Autoriza o Poder Executivo Municipal a instituir a fundação “Museu da Imagem e do Som”.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 1, 2 e 3, pp.7-16. (coleção memória e sociedade).
- BRUNO, Cristina. Museologia e museus: princípios, problemas e métodos. **Cadernos de Sociomuseologia do Centro de Estudos de Sociomuseologia**, nº10. Lisboa: LHT. 1997.
- CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1988.
- CHÂTELET, Michel; DUHAMEL, Olivier; PISIER-KOUCHNER, Évelyne. **Histórias das ideias políticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CURY, Marília Xavier. Por um paradigma para os museus – em discussão. **Revista Museu**. 2009. Disponível em: <<http://revistamuseu.com/18demaio/artigos.asp?id=12679>>. Acesso em: 15 julh. 2018.
- DAWSEY, John Cowart e outros (orgs). **Antropologia e performance**: ensaios NAPEDRA. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- FREITAS, Marcelo Braga de. **O passado tinha um futuro**: A trajetória do Centro de Referência Audiovisual de Belo Horizonte 1992-2014. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-Puc Minas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 2015.

FREIRE, C. Dos museus e das exposições: por uma breve arqueologia do olhar. In: **Museus: o que são, para que servem?** Sistema Estadual de Museus – SISEM SP (Org.) Brodowski (S.P): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011. (Coleção Museu Aberto). p. 69-78.

GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <<http://www.arquivos.uff.br/index.php/glossario-de-terminologia-arquivistica>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** - Maquiável. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b. 428 p. v. 3.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

LOUREIRO, José Mauro. M. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ciência da Informação.** Brasília: IBICT, v. 32, n. 1, p. 88-98, jan./abr. 2003.

MAIA, Marcos Valério. Historiador aponta que Belo Horizonte nunca deixou de viver o carnaval. Marcos Maia destaca os diferentes aspectos e interações simbólicas deste ritual. **Porta Uai.** 05/02/2016. Disponível em: <<http://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2016/02/05/noticias-pensar,176804/historiador-aponta-que-belo-horizonte-nunca-deixou-de-viver-carnaval.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

NERY, Pedro. **Arte, pátria e civilização:** a formação dos acervos artísticos do Museu Paulista e da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1893-1912). 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE BELO HORIZONTE. **Plano Museológico do Museu da Imagem e do Som.** Fundação Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 2013.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE BELO HORIZONTE. **Política de Aquisição e Descarte e Descarte de Acervos do MIS-BH.** Fundação Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 2016.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

FONTES, Virginia. **Intelectuais e mídia – quem dita a pauta?** In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p 145-161.

PORTAL UAI. **Blocos engajados de BH 'rebolam' para manter sua essência.**

Relacionamento com poder público e patrocinadores é um dos maiores desafios nessa empreitada. 24/02/2017. Disponível em:

<<http://www.uai.com.br/app/noticia/carnaval/2017/02/24/noticias-carnaval,202346/blocos-engajados-de-bh-rebolam-para-manter-sua-essencia.shtml>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

PORTAL UAI. **Historiador Guto Borges ressalta caráter político e espontâneo do carnaval de BH.** Regente comenta sobre a festa mais popular do Brasil e que, na capital mineira, está atraindo cada vez mais foliões. 20/02/2015. Disponível em: <http://www.uai.com.br/app/noticia/carnaval/2015/02/20/noticias-carnaval,164865/historiador-guto-borges-ressalta-carater-politico-e-espontaneo-do-carnaval-de-bh.shtml>. Acesso em: 05 jul. 2018.

RANGEL, Marcio. A Coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins. In: LOPES, MM.; HEIZER, A., (orgs). **Colecionismos, práticas de campo e representações.** Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos; CHAGAS, Mario de Souza. A Linguagem de poder dos museus. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (orgs). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas.** Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

SILVA, Valéria Mara; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson. Orquidofilia com ciência: colecionismo e divulgação na revista Orquídea. In: LOPES, MM., and HEIZER, A., (orgs). **Colecionismos, práticas de campo e representações.** Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teoria de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

TAYLOR, Diana. **Arquivo e repertório: performance e memória cultural nas Américas.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.